

RIO ACIMA, SEM MOTOR

Parece que a Alta Velocidade terá um traçado, ainda em estudo, que passa, a partir de Taveiro, por um viaduto de seis quilómetros sobre os campos do Mondego, com uma derivação, para alguns comboios, a Coimbra B. O novo projeto, que mantém a bitola ibérica, vai estar dentro em pouco em discussão pública, e essa será – preparem-nos, pois, enquanto comunidade, para o exigir –, a última oportunidade de, em definitivo, a IP apresentar também um projeto verdadeiramente intermodal e moderno da estação ferroviária de Coimbra que, derrubando por completo o atual e obsoleto edificado, acabe, de uma vez por todas, como sublinhou a vereadora Ana Bastos no debate ‘Infraestruturas e Mobilidade como Desenvolvimento’, com essas “duas portas miseráveis” da cidade que são, evidentemente, o ‘apeadeiro velho’ e a gare rodoviária da



ANTÓNIO CABRAL DE OLIVEIRA

Fernão de Magalhães.

A Comunidade Intermunicipal reuniu com o ministro das Infraestruturas a quem apresentou o posicionamento estratégico do território no que se refere à linha de alta velocidade, ao sistema de mobilidade do Mondego, ao porto da Figueira da Foz e ao programa de habitação. Muito bem. Só não percebi aquele ponto da calendarização das obras no IP3. Será que a CIM – indispensavelmente em união com a de Viseu – ainda não percebeu que aquele remendado projeto, ao não apostar, integral, numa autoestrada, nos retira, definitivamente, a centralidade regional? E ainda têm o desplante de falar em “metro-polização de Coimbra e da sua região”. Coimbra mantém, consolidada, a quinta posição no Portugal City Brand Ranking. O que, sendo relativamente bom, se mostra, contudo, insuficiente para as aspirações e potencialidades da cidade. Estamos bem na

área negócios e viver, respetivamente em quinto e terceiro, mas mal, onde caímos para o 11º. lugar, no item visitar. O nosso posicionamento natural, na globalidade daquela classificação é, no mínimo, o terceiro, e importa empenharmo-nos, sobretudo, muito trabalhar para suplantar as (governamentalmente privilegiadas e favorecidas) Braga e Vila Nova de Gaia, que ali nos precedem.

O município de Coimbra deliberou atribuir a sua mais alta distinção honorífica, a medalha de ouro, aos cidadãos José Cunha-Vaz e Carlos Cidade, esta a título póstumo. E fê-lo, muito justamente, por unanimidade camarária, já que o currículo de vida, o contributo das duas personalidades na elevação do nome de Coimbra é, em absoluto, inquestionável. Um, como médico, expandiu a oftalmologia coimbrã a níveis internacionais para muitos impensáveis; outro, enquanto político, pela sua entrega à causa pública, em prol da urbe, das freguesias, das populações. Revendo-me na decisão, fico orgulhoso por ambos os reconhecimentos autárquicos.

Depois da estranhíssima não vinda da Companhia de Paulo Ribeiro para o Convento de São Francisco – que a câmara, muito naturalmente, anunciara de forma ju-

bilosa, quase ao som de trombetas – é ainda maior a expectativa quanto ao desempenho de Paulo Pires (de quem se sabe ter trabalhado nos municípios de Loulé e Silves, e como adjunto no gabinete da anterior ministra Graça Freitas) na Divisão de Cultura da CMC, onde rendeu, obviamente, Joaquim Correia.

“O comando territorial da GNR celebrou, em Miranda do Corvo, mais um aniversário, com pedidos – se calhar a solução passa pelo regresso a Coimbra da Brigada 5, extinta em 2008 – de reforço de meios e aumento de efetivos; Miguel Ribeiro é (finalmente com acordo na transmissão de poderes) o novo presidente da Académica-OAF; se mais não fora, a realização da iniciativa ‘Ao encontro da Sofia’, promovida pela Agência para a Promoção da Baixa, mostrou as inexploradas potencialidades da história artéria; Rui Nabeiro é Doutor Honoris Causa da UC, pela Faculdade de Economia; estão aí, esta semana, os culturais ‘Sons da Cidade’, que evocam a inscrição de Coimbra como Património Mundial da UNESCO; e foi apresentada a programação das Festas da Cidade e da Rainha Santa Isabel, celebremos pois, que decorrem entre 1 e 10 de julho. ◀